

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista de AbongasClass.: Karapotós 10Data: 12/01/92

Pg.: _____



Foto de José Ronaldo

As crianças da tribo passam o dia expostas a doenças e sem saber se vão comer

Crianças, as principais vítimas

Apesar de aparentemente dispostos e animados pela possibilidade de reaver ao menos parte de suas terras, depois de tantos anos, a conjuntura não parece muito favorável aos Karapotós. Sem qualquer estoque de comida, as 80 famílias acampadas nunca sabem o que suas 150 crianças comerão no dia seguinte. Receberam escassa ajuda material da Funai e vez ou outra chegam ajuda do Cimi e do arcebispo de Maceió Dom Edvaldo Amaral. (Pároco de Porto da Folha, Sergipe, padre Isaias, fez uma peregrinação por toda a paróquia celebrando missas para arrecadar donativos

destinados aos acampados. Mas não durou muito e a maioria das famílias já está dependendo da farinha seca ou um pouco de feijão colhido no período de roça.

Além da fome, os índios constantemente são molestados por doenças variadas. As principais vili nas são as crianças, freqüentemente assediadas por febre, tosse, doenças dos olhos e desidratação. Do dia da ocupação até hoje, cerca de 20 crianças já foram deslocadas em caráter de urgência até Junqueiro, a 20km onde fica o hospital mais próximo. A principal causa das doenças é a água de barreiro usada

para beber e cozinhar, que também é utilizada por animais, inclusive para banho de cavalos. "Nós estamos bebendo mijo e lama por água", disse dona Jovelina Inácio.

A população acampada também tem convivido com a presença nada hospitaleira de cobras e escorpiões. Na barraca em que mora com 8 crianças, Lindinalva Karapotó, esposa do cacique Juarez, encontrou uma cobra "pinga-sangue" dentro de uma mochila de roupa. Esta cobra é assim denominada porque suas vítimas morrem invariavelmente expelindo sangue até pelos poros.

Karapotós querem audiência com Collor

Os índios Karapotós, que há um mês ocuparam uma fazenda dentro de sua área imemorial, no município de São Sebastião, a 140 quilômetros de Maceió, estão passando uma difícil situação sem assistência médica e com falta de alimentação. Desde o dia 12 de dezembro os cerca de 350 índios que acamparam pacificamente na área do posseiro Ednardo Justino, com o objetivo de agilizar a demarcação de suas terras, têm convivido com a fome, doenças e o perigo de mordidas de escorpião e outras venenosas. "Estamos vivendo aqui como verdadeiros selvagens", disse o cacique Juarez Karapotó.

Na noite da última quinta-feira, os Karapotós fizeram uma reunião com a presença de representantes da Funai, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e lideranças de outros povos indígenas de Alagoas e Sergipe. Os participantes avaliaram os resultados e discutiram estratégias para

continuação do movimento de agora por diante. Os índios pretendem ir a Brasília tentar audiência com o presidente Fernando Collor. Erinaldo Karapoto criticou a Funai pelo não cumprimento dos compromissos assumidos. "Desde o segundo dia de ocupação o administrador Fernando Maia nos prometeu um médico e até agora nada", disse Erinaldo.

Objetivo é terra - Com a ocupação da fazenda do posseiro Ednardo Justino, os Karapotós pretendem apressar a demarcação de um pedaço das terras que no passado lhes pertenceram. Os Karapotós são danos imemorais de mais de 11 mil hectares, doados ainda no Império pela Coroa. Os índios reivindicam apenas 1.810 hectares, acatando proposta apresentada pela própria Funai, em junho de 1988 após um levantamento feito por uma equipe de trabalho criada pelo próprio governo.

A luta dos Karapotós pela reconquista de suas terras co-

meçou há menos de 20 anos, mas segundo a tradição oral, há mais de seculo que este povo foi expulso de suas terras. Segundo a história contada de pai para filho, os documentos que comprovavam a posse foram entregues aos cuidados do Barão de Penedo para que ficassem em segurança, uma vez que as terras indígenas já eram muito cobiçadas. Foi o próprio Barão que, de posse das escrituras, expulsou os Karapotós com violência.

Por ordem do Barão de Penedo, cabanas foram queimadas, o terreiro sagrado, onde os índios realizavam seus rituais religiosos, foi destruído, bem como todo sinal que pudesse confirmar a identidade indígena dos Karapotós. Esta identidade era um documento que futuramente poderia substituir as escrituras queimadas, como está acontecendo, agora quase dois séculos depois. Por isso mesmo foram obrigados, durante muito tempo, a negar suas origens.



Foto de Jose Ronaldo

Os índios Karapotós não deixam as terras ocupadas, mesmo convivendo com a fome

Índios pagam pela própria terra

Atualmente os índios de São Sebastião não dispõem de um único hectare de suas terras tradicionais. Para sobreviverem arrendam o que de direito lhes pertence ao preço de 70 mil cruzeiros por tarefa. Quem não pode com o arrendamento, trabalha como meeiro ou mão-de-obra alugada. Toda a área indígena está rateada entre usineiros ou pequenos e médios posseiros. A família Coutinho detém a maior parcela.

Os poucos Karapotós que sobreviveram ao massacre físico e cultural, estão atualmente divididos em dois grupos. O menor mora no povoado Terra Nova - município de São Sebastião - misturado com não-índios. Impedidos de realizarem seus rituais e viverem de

acordo com os costumes dos antepassados. O segundo grupo mora de favor nas terras dos índios Kariris-Xokós, em Porto Real do Colégio, onde as vezes também sofrem discriminações em consequência das diferenças culturais.

Em menos de dois anos, os Karapotós já empreenderam duas tentativas de fazer o governo agilizar a demarcação de suas terras. No dia 18 de setembro esses índios ocuparam a sede da Administração Regional da Funai em Maceió por duas semanas, quando tiveram oportunidade de dialogar com o superintendente de assuntos fundiários da Funai, Jaime Mansinho.

Enviado exclusivamente para ouvir as reivindicações dos Karapotós,

Mansinho se comprometeu de enviar ao Ministério da Justiça, num prazo de vinte dias, o processo de demarcação da área Karapotó e de outros três povos: Kariri-Xokó, Xukuru-Kariri (Alagoas) e Xokó (Sergipe), cujos processos também encaixaram a vários anos.

A começar de setembro, o ministro Jarbas Passarinho teria 80 dias para analisar os processos, fazer contato com os órgãos encarregados pelas questões fundiárias nos Estados de Alagoas e Sergipe e, por fim, divulgar um parecer conclusivo. O prazo se encerrou no dia 12 de dezembro, quando os Karapotós invadiram a fazenda que estão ocupando atualmente.

Dificuldades não abalam a tribo

Apesar das dificuldades, Karapotós não tem intenção de desistir. Na reunião de quinta-feira, os índios avaliaram que a ocupação de forma pacífica não tem surtido efeito junto aos órgãos governamentais. "Até agora eles não tem cometido nenhum absurdo", analisava "seu" Antonio Justino, pai do proprietário da fazenda ocupada, que tem convivido com a pre-

sença dos índios quase na indiferença. Essa situação, todavia, pode sofrer alteração significativa. Os Karapotó querem a todo custo chamar a atenção das autoridades e uma das propostas apresentadas - que poderá ser adotada, dependendo do desenrolar dos acontecimentos - é a promoção de churrasco de boi "por conta da casa".

Os acampados insistem

em fazer uma viagem a Brasília para tentar uma audiência com o presidente Fernando Collor. "Se tem um lugar onde a gente pode resolver tudo de uma vez, é em Brasília", afirmou Juarez Karapotó. Os índios pretendem contactar políticos para conseguir alimentos e apoio financeiro para a mobilização.